

TEATRO COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA DISCENTE NO CENTRO JUVENIL DE CIÊNCIA E CULTURA DE SERRINHA

Marizete Barbosa de Lima Souza¹

Resumo

Este estudo investiga os desafios e as potencialidades do uso do teatro como estratégia educativa, com ênfase na promoção da autonomia dos discentes. O objetivo central foi analisar as contribuições do teatro para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos estudantes, os obstáculos encontrados na sua implementação como recurso pedagógico e as percepções dos estudantes sobre seu impacto na tomada de decisão, na resolução de problemas e na expressão autônoma. A pesquisa fundamenta-se nos referenciais teóricos de Boal e Freire. Metodologicamente, combina revisão bibliográfica e pesquisa de campo, com observação e entrevistas qualitativas realizadas no Centro Juvenil de Ciência e Cultura (CJCC). O estudo também aborda a trajetória histórica do teatro, ressaltando seu papel educativo e sua influência na transformação social. Busca-se compreender de que forma o teatro possibilita aos estudantes experimentar diferentes perspectivas, expressar emoções e favorecer uma aprendizagem ativa e significativa. Os resultados visam fomentar o diálogo com educadores sobre a relevância da linguagem teatral no desenvolvimento integral dos discentes.

Palavras-chave: Teatro pedagógico. Autonomia discente. Transformação social. Educação inovadora.

Introdução

No campo educacional contemporâneo, a formação integral dos discentes configura-se como um desafio central, exigindo que a escola favoreça o desenvolvimento pleno, autônomo e responsável dos sujeitos ao longo da vida. Entre os recursos que podem potencializar esse processo, o teatro se destaca por estimular a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, além de promover habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Todavia, a persistente desigualdade social no Brasil limita o acesso a práticas culturais significativas, como o teatro, restringindo parte da população desse recurso educativo essencial. Enquanto algumas instituições de ensino reconhecem e exploram seu potencial pedagógico, outras ainda o subestimam, o que revela um campo de tensões e contradições no uso da arte como mediadora da aprendizagem.

¹ Mestra pelo Programa de Mestrado em Intervenção Educativa e Social (MPIES). Licenciada em pedagogia pela UNEB, especialista em Coordenação pedagógica (UFBA), Professora da rede municipal de Serrinha e coordenadora pedagógica da rede estadual (Bahia). Serrinha- Ba, Brasil, e-mail: marizete809@yahoo.com.br

A autonomia, enquanto princípio educacional, ocupa lugar de destaque nas reflexões de Kant (1999), que a compreende como expressão da razão e da vontade do indivíduo, situada entre o mundo inteligível e o sensível. Essa concepção é ampliada por Freire (1986, 1987, 1996), que interpreta a autonomia do estudante como um movimento de apropriação crítica da realidade, capaz de promover transformação social. É nesse horizonte que se insere o Teatro do Oprimido, concebido por Augusto Boal entre as décadas de 1960 e 1970, o qual se fundamenta na educação popular freireana. Ao romper com a passividade do espectador, Boal propõe a figura do “espect-ator”, um sujeito ativo que intervém na cena, experimenta alternativas e busca soluções coletivas para situações de opressão.

O presente estudo tem como objetivo geral investigar os desafios e as potencialidades do uso do teatro como estratégia educativa no Centro Juvenil de Ciência e Cultura (CJCC) de Serrinha, com ênfase na promoção da autonomia discente. De forma específica, propõe-se: analisar as contribuições das práticas teatrais para o desenvolvimento da autonomia, considerando suas dimensões sociais, emocionais e cognitivas; identificar os principais desafios vivenciados por docentes e discentes na implementação do teatro como recurso pedagógico; e avaliar as percepções² dos estudantes quanto ao impacto dessas práticas em sua tomada de decisão, na resolução de problemas e na expressão autônoma.

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, cujo objetivo é analisar os desafios e as potencialidades do uso do teatro como estratégia educativa no Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Serrinha, com ênfase na promoção da autonomia discente. Metodologicamente, articula revisão bibliográfica e pesquisa de campo, incluindo observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise documental, de modo a compreender, de forma aprofundada, as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse contexto. Inserido em uma proposta educacional interdisciplinar e transdisciplinar, o CJCC destaca-se como espaço de experimentação pedagógica que valoriza o protagonismo estudantil e a construção ativa do conhecimento. A análise dos dados, orientada por abordagem indutiva e sustentada por referenciais teóricos da educação e do teatro, busca evidenciar como as práticas teatrais podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ao mesmo tempo em que identifica os principais desafios para sua efetiva implementação no ambiente escolar.

Diante disso, pretende-se compreender como o teatro pode proporcionar aos estudantes a vivência de diferentes perspectivas, a expressão de emoções e a construção de uma

² A percepção é um processo de organização e interpretação das informações sensoriais, resultando em compreensões subjetivas do mundo, influenciadas por experiências, crenças, emoções e contexto social. (Lamb, Hair e McDaniel, 2012).

aprendizagem ativa e significativa. Espera-se, ao final, alcançar uma compreensão mais aprofundada sobre a integração do teatro no contexto pedagógico do CJCC e seu impacto no desenvolvimento da autonomia discente, fornecendo subsídios para futuras intervenções e para a valorização do teatro como recurso pedagógico no ambiente escolar.

Desenvolvimento

No contexto escolar, o teatro não é apenas uma atividade artística, mas uma prática educativa que promove o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e sociais. A prática teatral em sala de aula é um exercício dialógico e dialético³, onde falar e escutar, criticar e propor, são fundamentais para a reflexão crítica tanto do teatro quanto da sociedade em que vivemos. Como Koudela (1992, p. 18) observa, “a arte não necessita de argumentos que justifiquem a sua presença no currículo escolar, nem de métodos de ensino estranhos à sua natureza intrínseca.”

Ao longo dos séculos, o teatro se expandiu para acompanhar as mudanças sociais e educacionais, tornando-se um valioso instrumento pedagógico. Sua capacidade de envolver, emocionar e estimular o pensamento crítico o transformou em uma ferramenta poderosa no processo de ensino e aprendizado. Segundo Peixoto (1986, p.13), "o teatro tem uma história específica, capítulo essencial da história da produção cultural da humanidade". Conforme o autor supracitado:

O teatro inúmeras vezes parece um expressão em crise... sua função social tem sido constantemente redefinida. Desde muitos séculos antes de nossa era até hoje, nunca deixou de existir: há algum impulso no homem, desde seus primórdios, que necessita deste instrumento de diversão e conhecimento, prazer e denúncia (Peixoto, 1986, p.7).

No século XVI, o teatro foi amplamente utilizado como recurso pedagógico, sendo que no Brasil tem suas origens nas representações catequéticas destinadas aos povos indígenas, nas quais as peças foram elaboradas com propósitos didáticos, ocorrendo à transmissão e adaptação dos preceitos cristãos à cultura indígena conforme discute Prado (1993). Ao longo da história, o teatro se consolida como uma prática sociocultural fundamental, manifestando-se não apenas

³ O exercício dialógico fundamenta-se no diálogo como um processo interativo de troca de ideias entre interlocutores, caracterizando-se pela escuta ativa, cooperação e construção coletiva do conhecimento. Sua base teórica está em Freire (1987), que considera o diálogo um instrumento essencial para a educação libertadora, promovendo a conscientização crítica dos sujeitos. Por outro lado, o exercício dialético trata-se de um método argumentativo que explora a tensão entre ideias opostas, conduzindo à superação das contradições e à formulação de uma síntese. Na perspectiva marxista, a dialética se configura como um processo de transformação social (Marx & Engels, 1848).

no contexto artístico, mas também nas interações sociais cotidianas, nas quais os sujeitos consciente ou inconscientemente, recorrem a elementos do teatro. Conforme aponta Peixoto (1986, p.34): “escolha de uma forma de participar e atuar na vida sócio-política de uma comunidade, utilizando o teatro como instrumento a serviço da transformação”.

Desse modo, a formação docente constitui-se como um pilar essencial para a efetivação do trabalho pedagógico com o teatro no espaço escolar. Embora a legislação brasileira determine a obrigatoriedade do ensino de arte em suas múltiplas linguagens, observa-se uma lacuna significativa na preparação específica de muitos professores para a mediação de experiências teatrais, o que gera insegurança e limitações no exercício da prática pedagógica (Vianna, 2005; Ferraz; Fusari, 2009).

O teatro configura-se como um recurso libertador, capaz de estimular a consciência crítica e social, contribuindo para a formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento cultural, educacional e coletivo. Ao envolver-se com a prática teatral, o educando passa a reconhecer seu valor na sociedade e seu papel enquanto agente de transformação. Como afirma Freire (1986, p. 50), “ensinar exige a consciência do inacabamento”. Nessa perspectiva, o teatro, ao possibilitar uma leitura crítica da realidade, desempenha função essencial na formação de sujeitos conscientes e socialmente engajados. Através da representação cênica, promove-se a reflexão, o questionamento e a construção de uma consciência crítica, favorecendo a participação ativa na vida social.

Esta afirmação pode ser aprofundada à luz da concepção de teatro trágico desenvolvida por Carneiro (2018), na qual a tragédia não é entendida como uma forma de resignação ou fatalismo, mas como um dispositivo estético e ético de confronto com os limites, com o abismo e com a condição humana diante das estruturas que aprisionam e violentam. Para o autor, o teatro trágico não se reduz à mera representação de desgraças ou sofrimentos individuais, mas constitui-se como um espaço de suspensão da ordem comum, em que o sujeito, tal como o espectador no teatro dialético de Brecht, é convocado não apenas a sentir, mas também a pensar o irreconciliável. Por sua natureza insurgente, o teatro trágico rompe com os pactos da normalidade e expõe o sujeito a uma experiência de estranhamento e abismo, na qual o sentido não se encerra, mas se abre em ferida.

O teatro exerce um papel importante no desenvolvimento da autonomia dos estudantes. A LDB 9394/96 em seu artigo 22 garante que: “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” Nesse

sentido, a prática teatral na escola assume um papel estratégico, pois contribui de forma concreta para o alcance desses objetivos legais.

Além disso, o teatro possibilita aos estudantes o desenvolvimento do pensamento criativo, da cooperação social, da capacidade de controle emocional, da expressão clara de ideias e da formação da personalidade. Nesse processo,

Aprofundam o conhecimento lúcido e crítico da própria realidade que os cerca, engravidando-os de um prazer capaz de torná-los mais conscientes e mais vigorosos enquanto homens racionais, dotados de possibilidade de agir e dominar as forças da natureza e da sociedade, transformando as relações entre homens na necessária urgência de construir democracia e liberdade (Peixoto, 1986, p.10).

Ao mesmo tempo, o teatro se constitui como uma prática coletiva, na qual as experiências individuais contribuem para o aprendizado e crescimento dos demais participantes. Como destaca Peixoto (1986, p. 13), “o teatro age diretamente sobre os homens, que são os verdadeiros agentes da construção da vida social”, reforçando seu papel como instrumento de formação crítica, social e política.

Assim, para transformarmos essas estruturas sociais opressoras, precisamos mudar nosso comportamento diante delas e precisamos nos reconstruir no exercício pedagógico. Sendo assim Silva (2006, p. 102) nos afirma que: “Tornam-se imprescindível a construção de cidadãos autônomos, líderes capazes de interferir nos modelos sociais autoritários.

Para Paulo Freire (1987), a práxis é a integração entre ação e reflexão, orientada à transformação da realidade, no qual educadores e educandos refletem conjuntamente sobre suas práticas, visando intervir de forma consciente no mundo. Essa práxis crítica e consciente é essencial para promover a emancipação e a autonomia dos sujeitos, permitindo-lhes compreender sua condição histórica e atuar ativamente na construção de uma sociedade mais justa. Freire (1986, p.22) afirma que "ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção".

A autonomia, na perspectiva de Paulo Freire (1996), constitui elemento central do processo educacional, defendendo que a educação deve ser entendida como instrumento de libertação, no qual o discente assume protagonismo em sua própria formação. Do ponto de vista filosófico, Kant (1999) entende autonomia como a disposição de agir segundo leis morais estabelecidas racionalmente pelo próprio sujeito. Aplicada à educação, essa concepção traduz-se na capacidade de aprender criticamente, refletir e tomar decisões conscientes, promovendo emancipação intelectual e responsabilidade social.

No contexto educacional, Kant (1999), considera a autonomia um objetivo primordial, defendendo que a educação deve promover o raciocínio independente e a ação moral, numa formação permanente os indivíduos no agir de acordo com princípios éticos. Assim, a autonomia como a disposição de agir de forma racional e ética, guia-se pela razão e por princípios éticos sendo fundamental para o desenvolvimento do sujeito enquanto agente autônomo e responsável, possibilitando sua atuação consciente e reflexiva na sociedade.

Vivemos em uma sociedade marcada por múltiplos espaços de formação, dentre os quais o teatro se destaca como recurso pedagógico relevante. A inserção da linguagem teatral no ambiente escolar proporciona experiências diversas que estimulam a criatividade, promovem a expressão individual e fortalecem a autonomia dos educandos. Nesse contexto, a educação básica, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996, art. 22), tem como finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Discussão dos Resultados: Potencialidades do Teatro na Promoção da Autonomia Discente

A presente investigação evidenciou o impacto do teatro na formação de discentes autônomos, críticos e reflexivos. Inicialmente, realizamos uma busca por teóricos que abordassem a integração do teatro na educação. Embora essa tarefa tenha se mostrado desafiadora, identificamos uma gama significativa de autores que contribuem para a discussão sobre o papel do teatro no contexto escolar. Esse processo de pesquisa revelou-se estimulante, configurando-se como uma construção contínua e vital. Os participantes, buscando compreender de que maneira o teatro estava sendo implementado na prática. Além da revisão teórica, realizamos observações diretas no CJCC e promovemos diálogos amplos e profundos na prática pedagógica.

Mais do que uma técnica ou uma atividade escolar, o teatro se apresenta como um território de subjetividade, onde o educando pode experimentar-se no mundo de forma sensível, afetiva e simbólica. Cada gesto encenado, cada palavra proferida no palco escolar, é também um modo de existir, de dizer-se e de revelar-se. Nesse espaço de jogo e criação, o estudante não apenas representa, mas é convocado a sentir, a imaginar, a lembrar, a desejar e é nesse movimento que o teatro se inscreve como experiência formadora. Trata-se de um lugar onde as vozes silenciadas encontram corpo, onde os afetos ganham linguagem e onde as ausências podem finalmente ser encenadas como presença. Assim, o teatro, na escola, se torna mais do

que arte: é memória que respira, é desejo que caminha, é humanidade que se reinventa na travessia entre o eu e o outro.

Durante a pesquisa, ficou evidente que o teatro contribui significativamente para a melhoria das habilidades de comunicação dos educandos. Muitos relataram que eram tímidos antes de se envolverem com o teatro, e que essa prática foi fundamental para superar esse obstáculo, proporcionando-lhes confiança e desenvoltura. O teatro, portanto, é visto como um aliado valioso na construção do conhecimento e no desenvolvimento pessoal.

O teatro ajudou os discentes a se expressarem com mais clareza, permitindo que compartilhassem suas opiniões sem timidez e com confiança. Eles relataram que, antes de iniciar o teatro, tinham medo de falar em público, mas, com o tempo, foram perdendo a timidez e se sentindo iguais aos outros, o que melhorou sua autoestima. Assim, após a experiência no teatro, os discentes se sentiram mais valorizados e confiantes, reconhecendo que podem viver com dignidade e lutar por uma sociedade mais justa para todos. O teatro, portanto, não apenas contribui para o fortalecimento da autonomia discente, mas também melhora o processo educativo em sua dimensão integral, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Dessa forma, essa abordagem pedagógica prepara os educandos para enfrentar os desafios da vida e na vida com maior criticidade, autonomia e resiliência.

O teatro, nesse percurso, transforma-se também em um espaço de escuta de si e do outro, onde o silêncio dos tímidos se converte em voz encarnada e a hesitação inicial dá lugar a uma presença que ocupa o mundo com significado. Não se dissolve apenas o medo de falar, mas também a sensação de não pertencimento que muitos carregam em silêncio. No palco, cada estudante descobre que pode ser múltiplo sem deixar de ser si mesmo, e é nesse paradoxo que reside sua força formativa. Ao representar personagens, os educandos atravessam seus próprios limites, constroem novas narrativas para suas vidas e percebem, no gesto encenado, a possibilidade de reescreverem a si mesmos com dignidade. Dessa forma, o teatro não se configura apenas como prática educativa, mas como um espelho que devolve aos sujeitos sua imagem transformada, ampliada e, sobretudo, reconhecida.

De acordo com Boal (2005), o teatro pode ser compreendido como um espaço de libertação e de exercício da cidadania, permitindo que sujeitos vivenciem múltiplas experiências e reelaborem situações de sua realidade. Nesse sentido, ao proporcionar aos estudantes a criação de espetáculos e personagens, o teatro deixa de ser mera dramatização e assume o papel de um dispositivo de autonomia e expressão subjetiva.

Além disso, a possibilidade de assumir papéis e utilizar máscaras amplia a dimensão terapêutica e acolhedora dessa prática. Como defende Augusto (2011), a arte teatral oferece um

“corpo-outro” que autoriza o estudante a experimentar-se em diferentes situações, o que pode auxiliar na elaboração de traumas e conflitos internos. Complementarmente, para Freire (1996), a educação só se torna libertadora quando reconhece o educando como sujeito histórico e capaz de reinventar-se em interação com o mundo.

Dessa forma, o teatro escolar, quando trabalhado de maneira crítica e criativa, extrapola a função de atividade artística pontual e se configura como prática de transformação social, fortalecendo a autonomia, a autoestima e o sentimento de pertencimento dos estudantes.

Ao dialogarmos com os participantes da pesquisa sobre a importância de trabalhar o teatro na escola, obtivemos a seguinte reflexão:

Esperança Silva (2024) - Eu acho muito importante o teatro na escola, tivemos um professor licenciado em teatro pela UFBA, que fez um trabalho interessante com nossos estudantes, é importante o trabalho com teatro na escola, percebemos a melhora desenvoltura dos estudantes, percebemos mudanças de comportamento, tinha muito estudante que era introspectivo, que andava de cabeça baixa e a oficina de teatro fez com que eles desenvolvesse mais, participassem das aulas com um olhar diferenciado, a gente percebeu a autonomia deles na participação de atividades, a autoestima melhorou bastante, se sentiram valorizados.

Podemos perceber que a realização de oficinas teatrais no CJCC possibilitou transformações relevantes no comportamento dos estudantes, sobretudo daqueles que apresentavam atitudes introspectivas e retraídas, revelando-se uma prática eficaz para o desenvolvimento da segurança, da expressão e da autonomia conforme relato da gestora entrevistada. Por meio de atividades de interação, improvisação e expressão corporal, o teatro contribuiu para a participação mais ativa nas aulas e para a construção de um olhar crítico sobre o próprio processo de aprendizagem, favorecendo a formação de sujeitos mais engajados e protagonistas.

O teatro, enquanto prática pedagógica, tem sido amplamente reconhecido como um recurso capaz de potencializar o processo educativo e promover a formação integral do estudante. A experiência vivenciada no CJCC, por meio do trabalho de um professor voluntário do Programa Educa mais Bahia, licenciado em Teatro pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), evidencia de forma concreta os benefícios dessa prática no cotidiano escolar. A partir das oficinas teatrais, observou-se uma transformação significativa nos estudantes, especialmente no que diz respeito à autoestima, à autonomia e à participação em sala de aula.

A esse respeito, Augusto Boal (2009), ao desenvolver o Teatro do Oprimido, já apontava para a dimensão libertadora e emancipatória do teatro, defendendo que a arte cênica pode ser

instrumento de mudança social e de empoderamento individual. No espaço escolar, tal perspectiva se materializa na medida em que estudantes, antes retraídos e introspectivos, encontram no teatro um espaço de expressão e de construção de identidade, passando a participar das atividades com maior desenvoltura e confiança.

Paulo Freire (1996), em sua concepção de educação dialógica, também contribui para essa análise ao enfatizar que o processo educativo deve estimular a participação ativa e crítica dos sujeitos. O teatro, nesse sentido, cria condições para que os estudantes assumam papel protagonista, rompendo com a passividade e desenvolvendo sua autonomia intelectual e social.

Além disso, Spolin (2005), referência em jogos teatrais, reforça que o teatro é uma prática lúdica que favorece a criatividade, a interação coletiva e o desenvolvimento de habilidades sociais. No ambiente escolar, esses aspectos se refletem na melhoria das relações interpessoais, na valorização do trabalho em grupo e na construção de uma postura mais confiante diante dos desafios acadêmicos.

Dessa forma, a prática teatral na escola não deve ser vista apenas como atividade complementar, mas como parte integrante do currículo escolar, capaz de articular o conhecimento artístico com a formação ética, social e cidadã. A experiência relatada demonstra que o teatro contribui não apenas para o desenvolvimento da expressão artística, mas sobretudo para a formação de sujeitos mais críticos, criativos e autônomos.

Ademais, ao promover o fortalecimento da autoestima, a prática teatral despertou nos estudantes um sentimento de pertencimento e reconhecimento, aspectos essenciais para a valorização da identidade individual e coletiva. Nesse sentido, o teatro na escola ultrapassa o caráter artístico e configura-se como ferramenta pedagógica de inclusão, estímulo à criatividade e transformação social, ocupando papel central nas demandas da educação contemporânea.

Conclusões

A realização desta pesquisa proporcionou uma jornada de descobertas valiosas sobre o papel central do teatro no contexto escolar. A análise revelou que o teatro constitui um recurso pedagógico potente, capaz de mediar e transformar a realidade educacional, oferecendo aos discentes oportunidades de desenvolvimento pessoal e social. Além disso, evidenciou-se que, quando valorizado e corretamente implementado, o teatro promove um crescimento significativo, desafiando a visão tradicional e restritiva sobre sua inclusão no currículo escolar.

O teatro não apenas enriquece a formação educacional, mas também contribui para a transformação social, promovendo novas perspectivas, respeito mútuo e valorização da dignidade humana. Ademais, a prática teatral auxilia os indivíduos a superar barreiras como

timidez e traumas, capacitando-os a enfrentar adversidades com maior confiança. A incorporação do teatro no contexto educacional requer uma formação específica dos educadores na área cultural, garantindo que compreendam não apenas a relevância da arte, mas também suas práticas pedagógicas e os impactos no desenvolvimento dos estudantes. Uma formação qualificada possibilita a utilização consciente e eficaz do teatro como ferramenta de ensino, promovendo a expressão criativa, a reflexão crítica e a construção do conhecimento de forma interdisciplinar.

A pesquisa evidenciou que o teatro exerce um impacto positivo não apenas no ambiente escolar, mas também nas relações familiares. Ao participarem de atividades teatrais, os educandos aprimoram suas habilidades de comunicação e convivência, refletindo em interações mais harmoniosas e construtivas no seio familiar. Dessa forma, o teatro contribui não apenas para o desempenho acadêmico, mas também para o desenvolvimento integral dos estudantes, formando indivíduos conscientes, críticos e participativos.

Diante das potencialidades e desafios identificados, constata-se que o teatro desempenha um papel relevante no processo educativo, fortalecendo a autonomia discente e promovendo aprendizagens significativas. Ao estimular a expressão, a criatividade e a reflexão crítica, as práticas teatrais favorecem a formação de cidadãos engajados, capazes de tomar decisões informadas e de interagir de forma ativa e responsável com o mundo ao seu redor.

No contexto do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Serrinha, essa abordagem pedagógica se revela ainda mais relevante, pois possibilita a construção de um ambiente educacional dinâmico e inclusivo, no qual os estudantes podem explorar novas formas de aprendizado e crescimento pessoal. No entanto, para que o teatro seja plenamente aproveitado como estratégia educacional, é necessário superar desafios estruturais e culturais que ainda limitam seu uso em muitas instituições de ensino.

Assim, espera-se que os achados desta pesquisa possam subsidiar práticas pedagógicas mais inovadoras, incentivando a valorização do teatro como ferramenta essencial para a formação integral dos estudantes. Dessa forma, reafirma-se a importância da arte na construção de uma educação transformadora, capaz de preparar os discentes para os desafios do século XXI e promover uma sociedade mais crítica, reflexiva e participativa.

Em meio ao silêncio que antecede cada cena e ao brilho incerto de um foco de luz, o teatro revela o que a palavra muitas vezes não alcança: o espírito em movimento. Encerrar esta pesquisa assemelha-se a baixar o pano de um espetáculo cujas reverberações continuam a pulsar nos corpos que ousaram habitar o palco da escola. O teatro é memória viva, gesto que fala,

lágrima contida, riso libertador, sendo o espaço no qual o educando deixa de ser apenas estudante e torna-se presença: presença que grita, que sussurra, que escuta e transforma.

Referências Bibliográficas

- AUGUSTO, P. **A poética do corpo no espaço educativo**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAHIA. **Decreto no 12.829, de 4 de maio de 2011**: dispõe sobre a criação, organização e funcionamento dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura - CJCC, Unidades Escolares, no âmbito do Sistema Público Estadual de Ensino do Estado da Bahia. Salvador, BA. Disponível em:
<http://www.educacao.ba.gov.br/sites/default/files/private/midiateca/documentos/2013/decreto-12829.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- BAHIA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. **Centros Juvenis de Ciência e Cultura**: documento-base. Salvador, BA, 2015. Disponível em:
<http://escolas.educacao.ba.gov.br/documentoscentrosjuvenis>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- BERTHOLD, M. **História mundial do teatro**. Tradução Maria Paula Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB-9394/96**. Brasília: MEC, 1996.
- c, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- DEBUS, J. C. **Educação para a autonomia**: reflexões sobre a atualidade do conceito de autonomia a partir de um estudo entre crianças. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- ERIKSON, E. H. **Juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1956.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 8. ed. Campinas: Papirus, 1994.
- FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. E. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, P. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2006.
- HOBBS, T. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores)
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1999.

- KOUDELA, I. D. **Jogo teatral no ensino de arte: a prática do teatro-educação**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LAMB, C. W.; HAIR, J. F.; MCDANIEL, C. **Marketing**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- LECOQ, J. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. Tradução de Márcia Jerônimo. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2010.
- MARQUES, I. **Educação estética e formação docente: desafios contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto comunista**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 1848.
- METAXIS. **Informativo do Centro de Teatro do Oprimido, CTO-Rio – N**. Rio de Janeiro: J. Sholna, 2007.
- MOLL, J. (Org.). **Educação integral: texto referência para o debate nacional**. Brasília: MEC, SECAD, 2009.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Luciane Fellin. São Paulo: Triom, 1999.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.
- PEIXOTO, F. **O que é teatro?** São Paulo: Brasiliense, 1992.
- PIAGET, J. **A psicologia da inteligência**. Tradução de Egléa de Alencar. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958. 239 p.
- PRADO, D. de A. **Teatro de Anchieta a Alencar**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- PUPO, M. L. de S. B. **Mediação cultural: teatro e escola**. Campinas: Papirus, 2009.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François e Liana Tranches. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROUSSEAU, J.-J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RUBIM, I. **O seu olhar melhora o meu: a percepção dos Centros Juvenis de Ciência e Cultura por seus estudantes**. 2018. 173 f.: il.
- SARTRE, J.-P. **O que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1965.
- _____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP; MEC, 2007.
- SPOLIN, V. **O jogo teatral no livro do diretor**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- THOMAS, D. R. **Uma abordagem indutiva geral para analisar dados de avaliação qualitativa**. *American Journal of Evaluation*, v. 27, n. 2, p. 237–246, 2006.
- VIANNA, H. **Arte na educação escolar: desafios da prática docente**. São Paulo: Cortez, 2005.